

FRAGMENTAÇÃO E REDEFINIÇÃO DE SI: RETRATO FEMININO NO ROMANCE CARIBENHO *LUCY*

Lívia Vivas¹

Resumo: A reflexão sobre a diáspora é considerada uma forma de auxílio de compreensão das complexidades quando se imagina a nação e a identidade caribenhas numa era de globalização crescente. Esse artigo baseia-se na análise do romance *Lucy* (1990), de autoria da escritora caribenha Jamaica Kincaid, um enredo de caráter autobiográfico que narra o processo de diáspora de uma jovem que migra para os Estados Unidos, rompendo com os elementos do seu passado-pátria, mãe, origens- e busca redefinir a sua identidade.

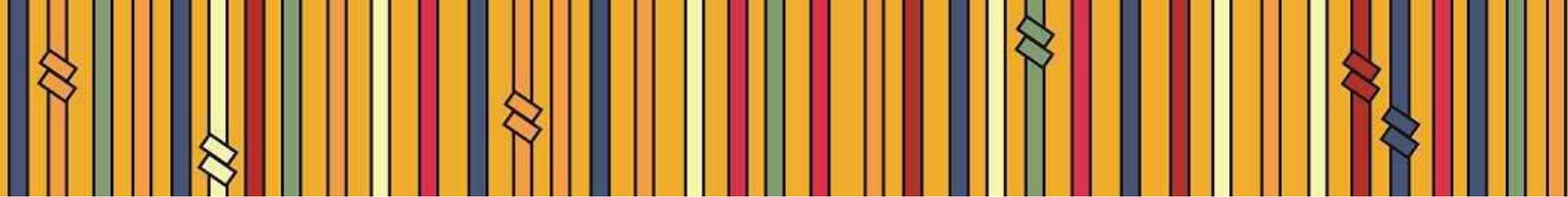
Palavras-chaves: diáspora; identidade cultural; Caribe

Introdução

A história do Caribe é marcada por movimento, sendo caracterizada por mais de cinco séculos de constante fluxo populacional, cuja maior parte foi resultado direto de migrações em larga escala. O advento da migração é uma temática frequente na literatura caribenha, sendo esta marcada por uma tradição emigrante. Os primeiros escritores nativos da região passaram grande parte de suas vidas no exterior e auferiram notoriedade a partir dos anseios do público metropolitano, a fim de promover o conhecimento de suas colônias. Questiona-se, portanto, o que a experiência da diáspora causa à identidade cultural dos caribenhos e de que forma a identidade, a diferença e o pertencimento podem ser concebidos ou imaginados após a diáspora, já que a identidade cultural carrega em si traços de unidade essencial e são inscritas nas relações de poder, construídas pela diferença.

O romance *Lucy* é autobiográfico, considerado continuação do romance *Annie John* (1985). A escritora Jamaica Kincaid retomou a história da protagonista anterior, narrando a diáspora da jovem que migrou para os Estados Unidos, rompendo com os elementos que compunham o seu passado- pátria, família e origens- buscando redefinir a sua identidade em um contexto diferenciado. *Lucy* constitui a história de migração dos primeiros anos de uma mulher afro-caribenha em Nova Iorque e de suas experiências como *au pair* junto a uma família branca e abastada.

¹ Graduada em Língua Estrangeira Moderna (UFBA), doutoranda em Ciências da Cultura, área de especialização em Cultura Inglesa (Universidade do Minho). Contato: liviavivas@hotmail.com.

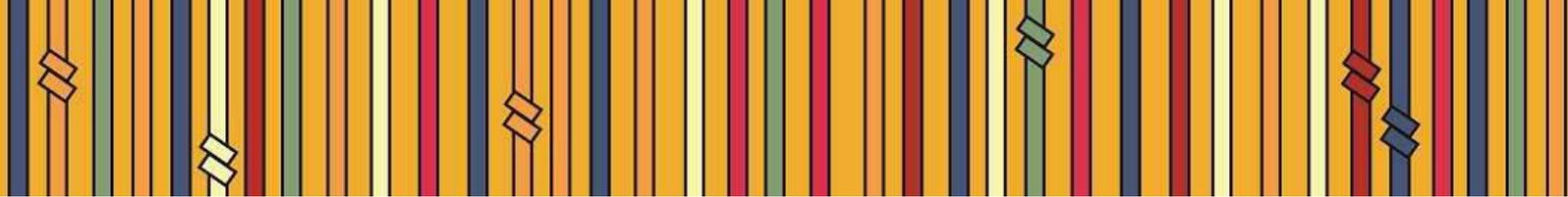


As narrativas se concentram na exploração da simbologia patriarcal/colonial que a relação conflituosa com a figura materna representava, condição presente nas duas obras, a partir do desenvolvimento da identidade à luz das expectativas culturais, na passagem da personagem criança à fase adulta. Figurativamente, Kincaid estabelece uma ligação entre essa relação e a condição de nação colonial de Antígua, ao comparar o domínio europeu à desarmonia entre mãe e filha, a primeira simbolizando, ironicamente, o colonizador. A relação é sempre paradoxal, na qual as personagens nutrem um sentimento de afetividade e ao mesmo tempo, de repressão e domínio.

A segunda protagonista representa uma extensão da primeira. O relacionamento sereno do período de infância cede espaço às desavenças que surgem na adolescência e na fase adulta, quando os valores da mãe, metaforizados em função dos imperativos patriarcais, criaram um vácuo em todos os âmbitos de convivência entre mãe e filha. O nascimento dos irmãos, outro símbolo da masculinidade autoritária e preeminente, faz com que a personagem constate a distinção de tratamento por parte dos pais. Deliberadamente, Annie pensa em esquivar-se desse convívio e infere como alternativa mais viável a sua ida à Inglaterra, a pátria-mãe colonial. A mãe denota a metáfora da Antígua colonizada e patriarcal e o repúdio de Lucy se deve à sujeição dessa enquanto mulher e à simultaneidade em relação à personificação da figura do opressor, tão perpetrada pela genitora e tão rejeitada pelas protagonistas de ambos os romances.

No romance *Lucy*, a protagonista vê-se diante da “necessidade de hierarquizar e re-hierarquizar cotidianamente a sua identidade, e dar-lhes significado conforme o momento, procurando estabelecer um consenso”. A fim de firmar a sua identidade, Lucy manifesta uma necessidade de afastamento, porém o desligamento de suas raízes não é concretizado, pois ela continua atrelada ao seu país de origem e às suas memórias, ou seja, um enfrentamento próprio do ser colonial e que é comumente retratado pelos escritores e críticos desse gênero literário. Embora haja um claro estranhamento e uma árdua adaptação ao país onde passa a residir, para Lucy é incontestável o fato de que não mais se ajustaria às circunstâncias sob as quais vivia na sua terra. Se a diáspora, por um lado, a faz sentir-se distante e estrangeira, por outro, possibilita a construção de uma identidade própria, longe dos ditames patriarcais.

A nova trajetória de migração permite à protagonista vivenciar circunstâncias distintas, mas não menos conflituosas do que as anteriores. As adversidades auferem um



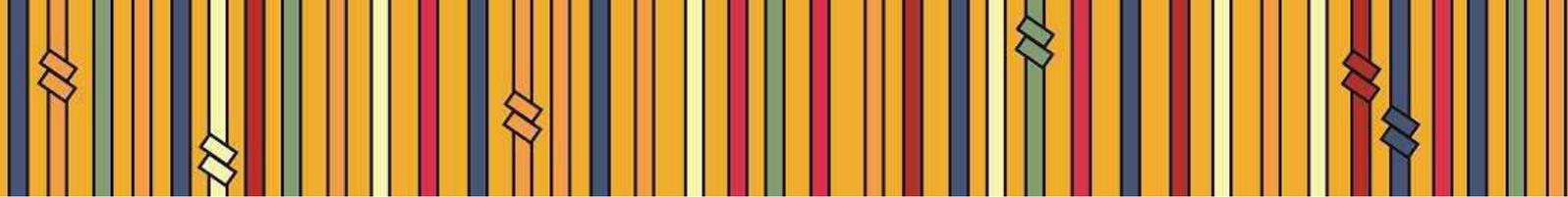
contexto expressivo e diferenciado quando Lucy passa a experimentar situações distintas e contrastantes, vendo-se então diante da necessidade de hierarquizar e re-hierarquizar cotidianamente a sua identidade e dar-lhe significado conforme o momento, procurando estabelecer um consenso. Assim, a protagonista afasta-se de Antígua, entretanto o desligamento de suas raízes não é concretizado, pois ela continua atrelada à sua mãe e às suas memórias, ou seja, um enfrentamento próprio do ser colonizado, comumente retratado pelos escritores caribenhos em suas obras.

Exílio autoimposto

Ao inserir-se no espaço norte-americano, Lucy não apreende essa nova cultura e nem se desvincula das circunstâncias ligadas à insígnia da figura materna. Apesar da ruptura física com a sua presença, após a partida para os Estados Unidos, as circunstâncias advindas do conservadorismo da mãe atravessavam-lhe os pensamentos a todo instante e influenciam as suas ações. Notoriamente, depreende-se que o rompimento e a rejeição relativos à imagem materna e à nação colonizadora são recursos falhos em última instância, dada à impossibilidade de se ignorar a existência de tais elementos simétricos.

Com o advento dos movimentos migratórios, comumente os sujeitos da diáspora, ao se depararem com a cultura dominante, passam a estabelecer uma identidade cultural híbrida a partir do questionamento de sua própria identidade nacional e da metropolitana. Equivocadamente, Lucy supunha que ao deixar seu país natal escaparia do contexto anterior regido por normas patriarcais centradas na figura materna. Na realidade, a mesma conjuntura patriarcal de outrora é reproduzida na família com a qual passa a conviver. Embora haja um claro estranhamento e uma árdua adaptação ao seu novo lar, para Lucy é incontestável o fato de que não mais se ajustaria às circunstâncias sob as quais vivia em Antígua. Se a diáspora, por um lado, a faz sentir-se distante e estrangeira, por outro possibilita a construção de sua identidade, devido ao desligamento dos ditames patriarcais familiares.

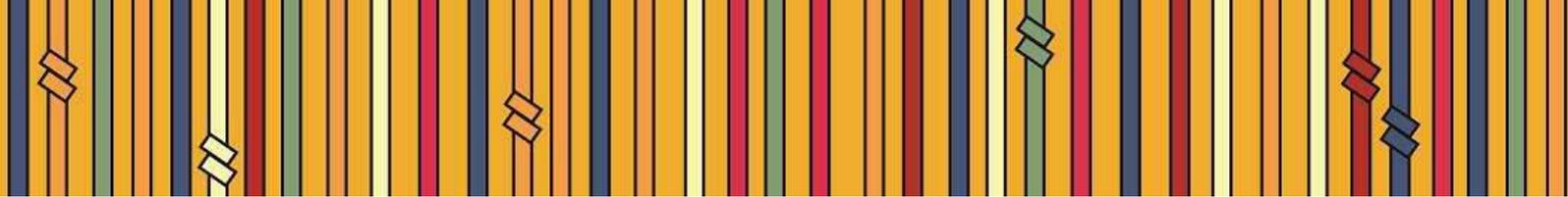
Apesar da ênfase ao tema da migração, o romance não aborda apenas a questão do choque cultural recorrente na diáspora. Antes, a personagem representa, mais especificamente, uma reflexão sobre o significado de pertencimento. Ao passo que a sua existência prossegue distante de seu país natal, sua individualidade emerge na formação de um caráter definido pela complexidade e pela força, em busca de sua própria



identidade. O fato de migrar para um espaço longínquo a faz sentir-se desconfortável com o novo e não lhe permite escapar do passado. Ao contrário: sua desorientação no novo país a sujeita a permanecer face a face com o passado e, portanto, a reconhecer que a assimilação em um contexto cultural não é transferida para outro.

A literatura que retrata o tema da migração, especialmente a que dá ênfase ao deslocamento do indivíduo de um país periférico para a pátria-mãe colonial ou outra metrópole, revela as crises e as mudanças de uma identidade migrante após a construção de um novo sentido de lugar na constelação desigual do Império. Na produção de Jamaica Kincaid, a exploração de um espaço e de seus habitantes por terceiros torna complexa uma infância colonial e conflituosa naquela identidade colonizada em formação. Enquanto projetos literário e político, as narrativas da escritora direcionam a estratégia pós-colonial descrita pelos geógrafos Alison Blunt e Gillian Rose, por meio da qual ao pensar através das estruturas de poder que sustentam uma identidade (periferizada) e escolher uma identidade híbrida ou local, é possível deslocar a (ampla) distinção entre centro e margem tão necessária à colonização do sujeito. Enquanto Kincaid descreve em *Lucy* as circunstâncias íntimas de uma identidade colonizada, suas conclusões e estratégias do eu falam para uma política pós-colonial de localização radical e abrangente.

Gênero é um elemento diferenciador relevante na experiência da migração caribenha. Para os indivíduos caribenhos em geral, a migração configura uma extensão natural de sua ampla variedade de atividades extra domésticas. Implica na liberdade em afastar-se sem muitos transtornos, deixando as poucas obrigações para trás. Para as mulheres, entretanto, geralmente mais associadas à esfera doméstica enquanto mães ou membros vitais da família alargada, a partida torna-se mais árdua, uma vez que suportam uma responsabilidade muito maior do que suas contrapartes masculinas, visto que continuam a apoiar, inclusive financeiramente, a família. Muitas vezes essas mulheres caribenhos migrantes, ao conseguirem uma vivência estável no exterior, oportunizam também aos membros familiares a experiência da migração e da fixação no país de acolhimento. Em oposição a tal circunstância, Lucy recusa a maioria de suas responsabilidades familiares quando migra para Nova Iorque. É acentuado o seu desejo de livrar-se da vigilância materna, a qual era agravada pelas circunstâncias limitantes da pequena ilha. Ao desejar isolar-se da mãe, a estratégia encontrada pela protagonista foi

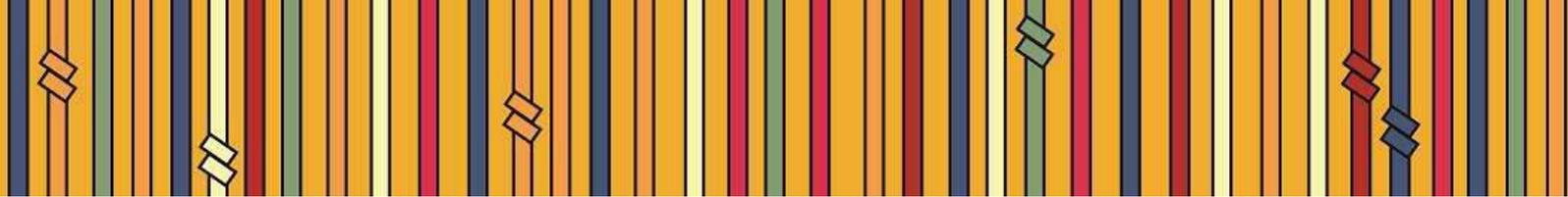


incinerar as cartas que recebia desta. A rebeldia e a fuga, portanto, constituem motivações significativas para a migração de mulheres jovens no contexto caribenho.

Lucy, assim como as demais produções de J. Kincaid, conceptualiza os relacionamentos interpessoais em relação ao passado político e histórico do Caribe. As relações envolvem um opressor e um oprimido. A mãe figurativamente é o colonizador que sufoca a identidade, que já é complexa por abranger elementos culturais africanos, caribenhos e europeus. A língua do colonizador não apenas imita o opressor, mas também se torna lugar de resistência, enquanto Kincaid explora a impossibilidade de construir novas identidades sem “ver milhares de anos em cada gesto, cada palavra dita, cada rosto”. Através da língua do colonizador, a escritora expõe os seus pontos de vista relativos ao processo colonial e as suas consequências para a cultura e identidade do caribenho pós-colonial.

Os debates em torno das noções de “centro”, “periferia” e “exílio” há muito têm contribuído para o imaginário e a produção literária caribenhos. A percepção do Caribe enquanto lugar marginalizado foi substituída pelo autoconfiante redesenho pós-colonial das categorias “centro” e “periferia”. Os escritores pós-coloniais não têm como ponto de partida nas suas narrativas o denominado “centro”, nem tampouco escrevem a partir do espaço definido pelo centro como “periferia”, mas a partir de outro “lugar”, onde é nutrida uma “terceira voz” mais forte em termos de identidade, possibilitando um auto delineamento maior e contínuo.

No caso de Jamaica Kincaid, sua narrativa sobre o centro e a periferia enfatiza a complexidade da distinção do interior de um espaço a partir do seu exterior e é precisamente em parte a presença do externo que auxilia a construção da especificidade desse espaço (MASSEY, 1992, p. 13). Ao representar um espaço, em geral, e Antígua, especificamente, Kincaid corrompe a distinção espacial entre “local” e “estrangeiro”. O mapa convencional do império é revertido, portanto, à pequenez de um espaço: uma ilhota torna-se ampla. Reciprocamente, Nova Iorque e Inglaterra são reduzidas aos seus lados particularmente “perversos”. De acordo com Helen Tiffin (1990, p. 37), em muitas de suas produções, Kincaid refere-se à Inglaterra e à denominada norma “universal” através de uma perspectiva muito particular: um “pequeno” lugar que através das práticas coloniais tornou-se hábil em controlar grande parte do restante do mundo. O “lugarejo” não é, afinal, Antígua apenas- é a Inglaterra também. Distâncias reais e percebidas são



trazidas inequivocamente à questão, visto que Lucy acreditava que somente uma mudança geográfica iria banir para sempre de sua existência os elementos que mais desprezava.

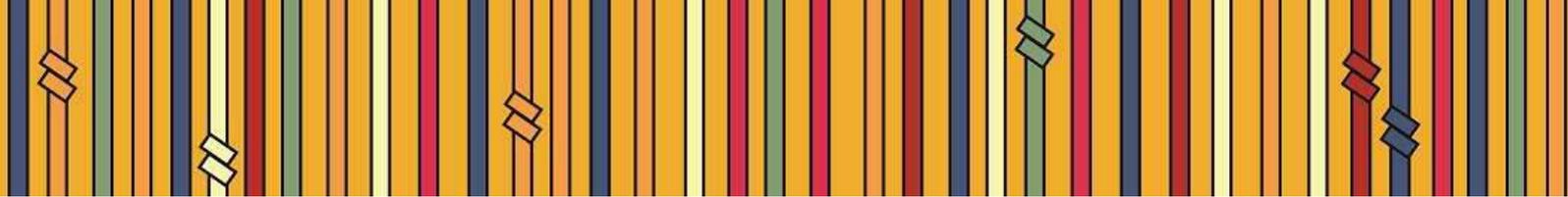
De modo geral, *Lucy* ilustra a maneira através da qual um lugar de origem, o lar de alguém, através das expectativas alheias e de suas próprias memórias e temores, continua a interromper o novo espaço e as suas novas identidades. Para Lucy e Jamaica Kincaid, Antígua representa família e infância, estagnação e repressão dentro de um sistema patriarcal-colonial. Embora Lucy viva em Nova Iorque, Antígua permanece o *locus* de sua consciência pós-colonial, sua identificação racial e cultural (HUGHES, 1999, p. 193).

Feminismo negro

Jamaica Kincaid fez uso de uma perspectiva analítica intensa sobre a condição feminina em relação à forma como a opressão social enraíza-se nas relações de gênero, configurando, portanto, a situação da mulher marginalizada pela cultura colonial e vítima dos seus efeitos.² No âmbito dos estudos feministas, as discussões concentram-se em temas que exercem formas análogas de dominação sobre aqueles que tornam subordinados. O feminismo é assunto de interesse crucial para o discurso pós-colonial e as experiências femininas no patriarcado e as dos sujeitos colonizados podem ser comparadas em diversos âmbitos. Tanto as políticas feministas quanto as pós-coloniais opõem-se ao posicionamento hegemônico, suscitando debates vigorosos em várias sociedades colonizadas, onde são enfatizadas questões de gênero ocasionadas a partir da condição colonial.

As condutas das escritoras, particularmente no que se refere a glorificar e a denegrir tradições, variam conforme princípios dos seus passados, níveis educacionais, consciência e compromisso políticos, e suas buscas por alternativas aos níveis de opressão, frequentemente inscritos nas tradições mais reverenciadas. Seus textos lidam com, e frequentemente desafiam a dupla opressão-patriarcado que precede e continua após o colonialismo, inscrevendo os conceitos de feminilidade, maternidade, tradições conservadoras e circunstâncias desfavoráveis em um sistema capitalista introduzido pelos

² No seu romance *The Autobiography of My Mother* (1996), Jamaica Kincaid retornou ao Caribe para investigar a vida ficcional de Xuela, uma mulher dominicana. Essa constitui mais uma de suas produções enfocada nas mulheres, na relação entre mãe e filha, entre mulheres brancas e negras e no relacionamento entre mulheres e a ameaça colonial.



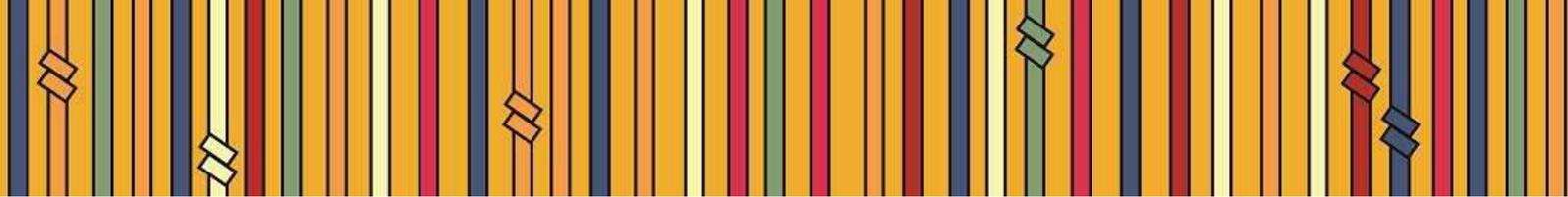
colonizadores. As escritoras feministas lidam com os fardos do papel feminino em ambientes urbanos- instituídos pelo colonialismo-, com o aumento da prostituição em cidades e a marginalização da mulher na participação política real.

Mais significativamente, através da representação da personagem Mariah, Jamaica Kincaid expõe o abismo histórico que separa o feminismo branco do negro. Lucy cresceu em um espaço colonial completamente dominado pelas regras metropolitanas transmitidas através da mãe, considerada difusora de antigos costumes patriarcais. No romance, a relação mãe-filha permeia a narrativa, imbuída de uma potencialidade feminina. A figura materna é declarada ainda mais potente por representar os valores e estruturas da metrópole e a conduta feminina corporificada no culto à feminilidade vitoriana, do qual a filha desesperadamente procura afastar-se³. O desligamento de Antígua acontece devido à necessidade de separação da figura submissa e dominadora que a mãe representava. Somente dessa maneira, a personagem conseguiria construir a sua identidade. Ao trilhar um novo caminho, ela intencionava autoconhecer-se e libertar-se.

Ao longo do romance, é traçada a dificuldade da protagonista em decretar uma separação geográfica e psicológica da mãe. Esse afastamento torna-se mais improvável à medida que Lucy recorda-se da mãe a partir dos pensamentos e ações de Mariah, cujo afeto tentava inclui-la no núcleo familiar e na família ideal de classe média, que para a protagonista eram tão sufocantes e colonizadores quanto o afeto de sua mãe. A diferença racial, cultural e de classe de Lucy- assim como sua experiência colonial- são potencialmente silenciados dessa forma.

Outro ponto em destaque no romance é a sexualidade que em Lucy aparece como forma de poder, de libertação e negação aos moldes patriarcais. A personagem subverte

³ Nesse âmbito, a análise sobre o relacionamento mãe-filha, de Adrienne Rich, *Of Woman Born* (1976), torna-se particularmente relevante se aplicado a *Lucy*. Rich atribuiu o termo *Matrophobia*, ou o temor em tornar-se mãe, a filhas que consideram que suas mães lhes transmitiram um compromisso de ódio por si mesmas, além das restrições e degradações ligadas à existência feminina. Rich explica que é mais fácil rejeitar uma mãe sem pretextos do que ver além as forças agindo sobre ela. Embora o ódio pela mãe culmine na matrofobia, pode haver também uma atração subjacente profunda em direção à mesma, um temor em relação ao fato de que caso uma ceda, irá identificar-se com a outra por completo. Rich concluiu que a matrofobia pode ser concebida como uma divisão do eu sob o desejo de tornar-se purgado completamente da escravidão materna, a fim de torna-se individualizado e livre. No caso de Lucy, na busca por liberdade, ela luta de maneira a alcançar sua individualidade. Nessa conjuntura, fundamenta-se o conflito entre Lucy e Mariah, que involuntariamente a faz recordar tanto a mãe quanto os valores totalizantes da “terra-mãe”, dos quais Lucy tentava esquivar-se.

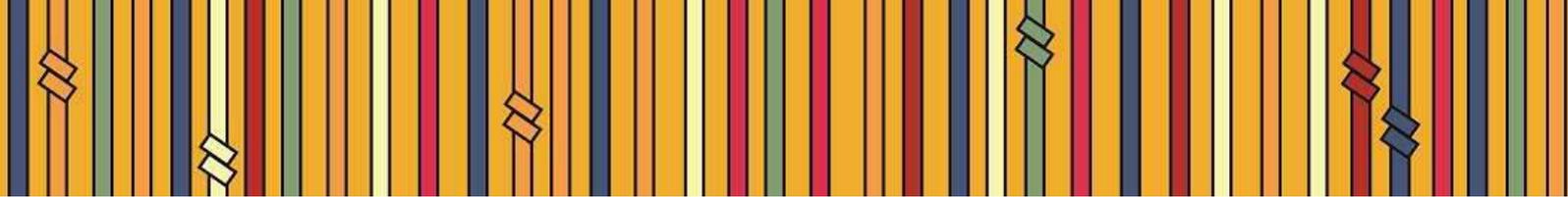


essa condição ao permitir-se vivenciar encontros amorosos fortuitos, dos quais exclui a possibilidade de qualquer vínculo afetivo, sem, no entanto, deixar de experimentar o deleite que essas relações casuais lhe proporcionavam. Inserida em um universo patriarcal, Lucy, que foi educada nos moldes tradicionais de uma cultura conservadora, desejava romper as expectativas de ter que corresponder às exigências desses padrões, cujos valores rígidos de comportamento feminino e regras de conduta social a levariam a adquirir a mesma postura impenetrável e soberana da mãe.

Claramente, nota-se que Jamaica Kincaid optou por utilizar protagonistas do sexo feminino nos seus romances com o propósito de atribuir-lhes voz e de ir de encontro ao sistema opressor então vigente nos contextos familiar e socioeducativo. Seu desejo foi “criar um discurso mais adequado para reportar a realidade e a identidade de um sujeito feminino pós-colonial” e para tal utilizou, conveniente e estrategicamente, o relacionamento familiar no intuito de articular um discurso anticolonial por vezes velado, porém evidente. A maioria dos escritores oriundos do contexto pós-colonial intenciona demonstrar o desejo que o colonizado possui em libertar-se do peso proveniente das influências subordinantes da cultura estrangeira para então atingir uma humanidade plena, por uma consciência de si verdadeira. O intuito foi, portanto, ser reconhecida por aquilo que era, a fim de redirecionar a sua própria história, ainda que repleta de lacunas, na tentativa de remodelar uma perspectiva social deformada. O transtorno encontra-se no fato de que o desejo de ter a sua cultura revalorizada não acontece de maneira estruturada, de modo que não permite ao colonizado reagir contra as estratégias de exploração e alienação a que foram submetidos.

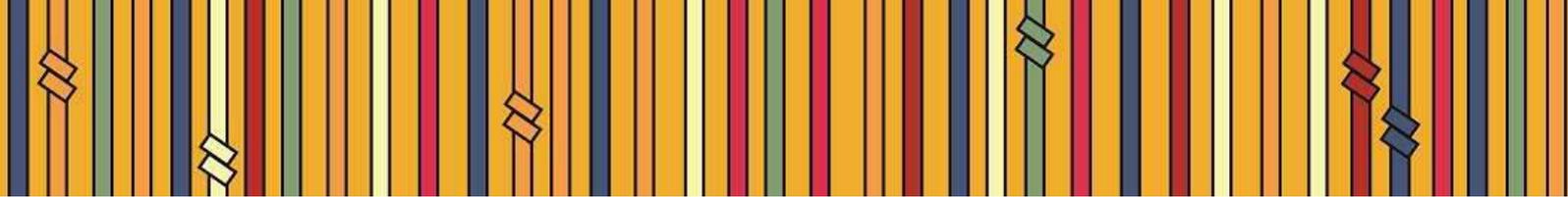
Fragmentação e redefinição de si

Em *Lucy*, Jamaica Kincaid explorou as ambiguidades, as contradições e a intensidade da ideologia colonial britânica, os seus costumes vitorianos, que transpassavam a mente, o corpo e a memória da heroína. A protagonista perscruta os sinais da hegemonia no contexto da emigração. Ao intencionar escapar do conflito que a relação mãe-filha desencadeava, nomeadamente porque a mãe tentava lhe reproduzir em uma espécie de cópia, a personagem afasta-se de sua terra natal em busca de outro caminho, de uma definição de sua identidade, distante do domínio patriarcal que a mãe simbolizava. Como sujeito fragmentado, vê-se forçada a situar-se e redefinir-se.



Jamaica Kincaid demonstrou por que o imperialismo britânico e o neocolonialismo norte-americano, notoriamente, exercem constante influência sobre a identidade nacional caribenha. Mesmo estando em espaço estrangeiro, Lucy tenta (re) articular a sua identidade, apesar da concepção de nação que lhe fora imposta. Na maior parte das obras da autora, uma crise de fúria e perda centraliza-se na figura materna. Não apenas é a lacuna entre mãe e filha central, mas o conflito suscitado por essa divisão pode também ser visto como metáfora para outro tema primário- dominação racial e cultural (SIMMONS, 1994, p. 23). A figura materna é forte, bela, inteligente e laboralmente reprodutiva. Simultaneamente, a escritora apresenta essa mesma mãe como uma mulher de identidade fraturada e emprestada. A piedade da servidão cristã, as regras de etiqueta britânica e o trabalho doméstico constante definem seu papel materno. Na experiência adolescente de Lucy, o lar e a ilha tornam-se zonas de conflito, onde a mãe tenta controlar a criança que insistentemente evita e subverte o controle colonial.

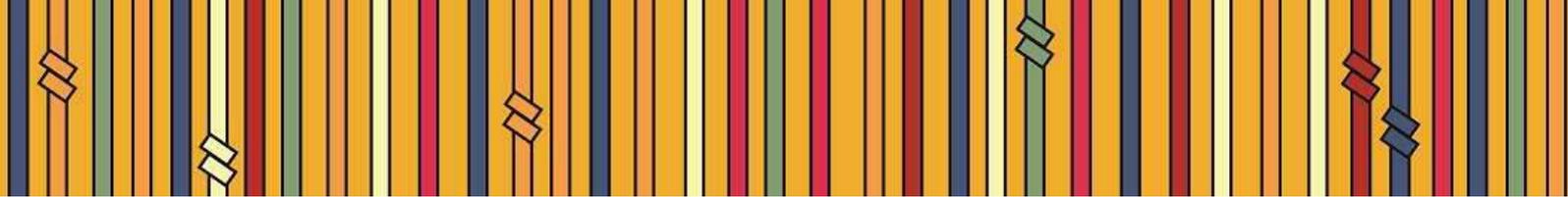
Se em *Annie John*, o acontecimento que sinalizou resistência à ideologia dominante ocorreu no ambiente escolar, visto que a personagem entrara em contato com o ensino da história através da ótica do colonizador, em *Lucy* o conflito da protagonista foi desencadeado a partir do choque vivenciado com a realidade dos senhores e seus amigos, que não possuíam a exata noção do quanto as ações dos colonizadores, seus ascendentes, marcaram negativamente a história caribenha. Ao conhecer amigos de Mariah que já haviam estado como turistas em Antígua- ou somente “as ilhas” (*The Islands*) - como costumavam denominar o Caribe, Lucy ficara envergonhada de ser natural de um país avaliado pelos visitantes apenas pelo grau de diversão que os proporcionava. A visão do turista é personificada pela personagem Dinah, uma das amigas de Mariah, ao questionar a protagonista: “So you are from the islands?” (KINCAID, 1990, p. 56). Lucy reconhecia Dinah enquanto indivíduo que enxergava a partir de uma nação ampla, poderosa, para a qual lugares pequenos são consumíveis, brilhantes e genéricos, ou seja, “ilhas tropicais”, exatamente onde as especificidades locais não são significativas para as nações poderosas e os seus respectivos cidadãos. O paradoxo de vir de tão longe, de um lugar tão pequeno, tão infinitamente consumível e consumido por incursões coloniais do passado e pela atividade turística do presente, induzia Lucy à fúria e à intensificação de impressões de deslocamento e não-pertencimento.



Ao moldar suas personagens para o desenvolvimento de uma identidade independente, a escritora tenta desconstruir a imagem dos colonizadores, questionar essa cultura e propor um molde de valorização de um modo de ser caribenho, a partir da aprendizagem, escolhas e experiências individuais de sujeitos que possam adquirir uma identidade descolonizada. Por isso, a maioria de seus romances é autobiográfica e o dilema da identidade é destacado através da associação entre as experiências do passado, as vivências do presente e a construção do futuro. *Annie John* e *Lucy* são romances que demonstram a destreza de Kincaid em associar questões familiares às de ordem sociocultural, abordando sutilmente o quesito identidade, sendo este um conceito fundamentado no deslocamento do espaço entre o passado e o futuro através da atual agência do sujeito, que resulta do seu posicionamento por meio da cultura.

Nos enredos, situações binárias ocorrem entre as personagens, dando ênfase à complexidade em torno da identidade cultural na situação colonial, que evidenciará os sinais de ambivalência extrema manifestos em mimetismo ou várias tipologias de obsessão com a identidade. Nesse decurso, são pertinentes a mistura complexa de atração e repulsão que caracteriza a relação entre colonizador e colonizado. O colonizador espera pelo mimetismo, apesar da possibilidade de ameaça. A ambivalência do colonizado elimina a autoridade do colonizador porque o desejado mimetismo no colonizado pode facilmente transformar-se em escárnio. Segundo Homi Bhabha (1994, p. 88), a ameaça de mimetismo é a sua dupla visão, que ao divulgar a ambivalência do discurso colonial também rompe a sua autoridade. Ao enfatizar a dualidade na experiência colonial, Bhabha afirmou que a ambivalência do mimetismo, quase, mas não por completo, sugere que a cultura colonial fetichizada é potencial e estrategicamente um contra-apelo insurgente e que seus efeitos de identidade são sempre crucialmente divididos (BHABHA, *id.*, p. 91). No caso de Lucy, após a tentativa de alcance de independência: “I wish I could love someone so much that I would die from it” (KINCAID, *op. cit.*, p. 164), a expressão de simultâneo desejo por uma emoção intensa e morte, a cessação de toda emoção, é indicativa da “divisão” de identidade descrita por Bhabha. O único amor que Lucy experimenta é aquele por sua mãe, que a desaponta, portanto, ela não poderia desejar amor sem desejar a morte, o fim da dor.

Tanto a obsessão quanto a consolidação da identidade e a ambivalência como forma de resistência são evidentes na produção literária de J. Kincaid, mais notavelmente em

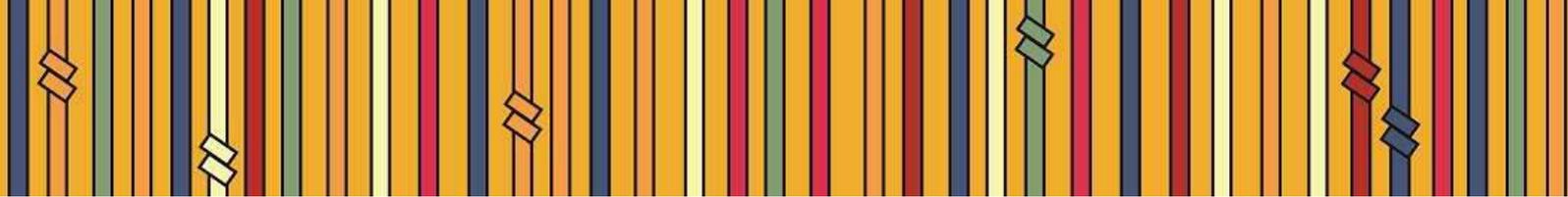


Lucy e, de fato, parecem ser fonte de inspiração para a autora. A protagonista Lucy explicitamente resiste às tentativas de fazê-la copiar o comportamento dos que a rodeavam. Ao invés de “imitação”, Kincaid utilizou o termo *echo* para descrever o que a mãe de Lucy desejava: que a filha fosse seu eco. A luta de Lucy para não ser um eco causa uma lacuna na comunicação entre as personagens, mas permite a Kincaid fazer o uso da língua do colonizador como local de resistência. Assim, é revelada a futilidade da tentativa de criar uma identidade separada da história, cultura e família de um indivíduo (LANG-PERALTA, 2006, p. 34).

A obsessão com a identidade, descrita por Ashcroft, Griffiths e Tiffin (1989), e a dupla visão sugerida por Bhabha ocasionam falhas de comunicação, que por diversas vezes a isola. Inicialmente, Lucy tenta comunicar-se, mas fracassa em muitas instâncias, muito embora o inglês seja a língua em comum. Ainda que tenha recebido uma educação britânica, ela era considerada estrangeira no espaço para o qual migrara, condição reforçada quando enxerga as circunstâncias diferentemente daqueles à sua volta. A protagonista decide tomar suas próprias decisões relativamente à forma pela qual responderia às novas circunstâncias de sua existência, ao invés de imitar os demais, fazendo com que ainda que aprecie determinados aspectos do seu novo lar, manifeste reações ambivalentes, devido ao seu passado.

Sua percepção minuciosa quanto às relações de poder a torna independente de forma que decide não aceitar julgamentos. A ânsia por tornar-se livre e a decisão de deslocar-se para um novo espaço e obter um novo emprego são acontecimentos significativos nesse processo de tentativa de descolonização da mente. A separação da figura materna situava Lucy em condição de heroína, ao afastar-se do lar e da mãe, que limitava seus horizontes. Já a separação de Mariah, simbolizava o afastamento do domínio do lar da mãe-substituta. São a rebeldia e a ambivalência de Lucy que alimentam o seu rancor e concebem a resistência para impulsioná-la a tornar-se heroína em sua própria visão, ao invés de uma serva.

Através desse romance, podemos constatar que a construção de uma identidade nacional em uma contextura pós-colonial e a desconstrução da identidade imposta pelo colonizador constituem os propósitos da escritora. Ao retratar a conjuntura histórica da sua nação colonizada, Kincaid vinculou o desenvolvimento de sua própria identidade à



identidade nacional, criando estratégias de resistência ao imperialismo e refutando o discurso histórico oficial.

Mais significativo nesse conjunto é ponderar que não são necessariamente os fatos desencadeados ao longo do texto que interessam, mas as táticas utilizadas enquanto meios de representar sua própria condição através da protagonista. No caso de Jamaica Kincaid, suas narrativas instituem uma autorrepresentação da natureza colonial enraizada na cultura de Antígua.

Referências bibliográficas

ASHCROFT, B., GRIFFITHS G., & TIFFIN, H. *The empire writes back: theory and practice in post-colonial literatures*. London and New York: Routledge, 1989.

BHABHA, H. *The Location of Culture*. London and New York: Routledge, 1994.

KINCAID, J. *Annie John*. London: Vintage Books, 1985.

_____. *Lucy*. New York: Farrar Straus & Giroux, 1990.

LANG-PERALTA, L. Smiling with my mouth turned down. In Linda Lang- Peralta (Ed.), *Jamaica Kincaid and Caribbean Double Crossings*. New York: University of Delaware Press, 2006.

MASSEY, D. 'A place called home?', *New Formations*, 17, pp. 3- 15, 1992.

RICH, A. *Of Woman Born: Motherhood as Experience and Institution*. New York: W. W. Norton & Company, 1976.

SIMMONS, D. *Jamaica Kincaid*. New York: Twayne Publishers, 1994.

TIFFIN, H. 'Decolonization and audience: Erna Brodber's *Myal* and Jamaica Kincaid's *A Small Place*', *Span*, 30, pp. 27-38, 1990.